

# **O pronome de primeira pessoa do singular no discurso coloquial espontâneo**

Janice Helena S. de Resende C. Marinho  
Universidade Federal de Minas Gerais

## **Abstract**

This paper describes the functional situation of the first person singular subject pronoun (PP1), in Brazilian Portuguese, in colloquial and spontaneous discourse. I point out data obtained from informal conversations which indicate the major presence of PP1 in oral language and I also analyse several linguistic factors which could be contributing to its use, even when it seems not to be necessary.

## 1. INTRODUÇÃO

**E**ste trabalho consiste na descrição da atual situação funcional do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do singular no português do Brasil, no discurso coloquial espontâneo.<sup>1</sup>

Foram analisados dados extraídos de gravações de conversas espontâneas,<sup>2</sup> com o objetivo de não só expor a situação do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do singular (que passo a chamar de PP1), mas também de tentar explicar que fatores poderiam estar determinando a sua presença ou a sua omissão.

Em gramáticas tradicionais, o pronome pessoal sujeito é considerado opcional, uma vez que as desinências flexionais contidas nas formas verbais indicariam por si mesmas o seu sujeito. Dessa forma, é recomendada a sua omissão.

Observando conversas espontâneas, no entanto, pude constatar o uso freqüente do pronome sujeito. Ao contrário do que tem sido recomendado, os falantes do português usam o pronome juntamente com o verbo bem mais do que o omitem.

Kato e Tarallo (1986), ao estudarem a situação da tensão pronominal no português falado do Brasil, mencionam que a omissão na posição do sujeito não é mais tão produtiva quanto já foi. Dados diacrônicos mostrados por Tarallo (1983) indicam que, em português:

*"subjects, as a syntactic category, remain relatively empty up to around 1880 (151/600, i.e. 25,2%), by which time the frequency of retention starts increasing, remaining as such to date (512/780, i.e. 65,6%)"* (sujeitos, como uma categoria sintática, permanecem relativamente vazios até por volta de 1880, quando a freqüência de retenção começa a aumentar, permanecendo até hoje) (1983: 353).

Assim, parto da hipótese de que o pronome pessoal sujeito, no português do Brasil, no discurso oral espontâneo, está-se fazendo obrigatório, contrariando a idéia de que ele é dispensável.

Os dados por mim examinados confirmam tal hipótese: em 80% das ocorrências de primeira pessoa do singular, encontro o uso do pronome, e em apenas 20% vai haver a sua omissão. Diante desses números, parto para a investigação dos fatores que poderiam estar determinando a presença do PP1, no discurso oral espontâneo, mesmo quando ele parece ser sintaticamente desnecessário.

## 2. FATORES EXAMINADOS

As gramáticas tradicionais consideram os pronomes sujeitos dispensáveis, uma vez que os sujeitos das formas verbais já estão indicados pelas desinências flexionais, mas recomendam que sejam empregados: 1. quando se quer dar ênfase ao sujeito da oração; 2. quando há contraste ou oposição entre duas pessoas gramaticais; 3. quando a forma verbal não é marcada, ou seja, quando ela não possui desinência flexional número-pessoal, como as formas comuns à 1ª e à 3ª pessoa do singular. Desses três fatores, apenas o terceiro, o uso da forma verbal não-marcada, se mostra, nas gravações examinadas, condicionador da presença do pronome; com 96% das formas verbais não-marcadas o PP1 foi empregado. Os fatores Ênfase e Contraste vão determinar apenas 6% de seu emprego.

Em trabalhos variacionistas, são diversos os fatores apontados como responsáveis pela expressão ou não do sujeito pronominal.

Analiso, primeiramente, o fator **Mudança de Referência** (MR). Chama-se MR ao fato de o referente do sujeito da oração examinada não ser igual ao referente do sujeito da oração anterior. A hipótese que se levanta é a de que, se o sujeito da oração examinada é o mesmo da oração precedente, se não ocorre mudança de referência, há maior probabilidade de o pronome sujeito ser omitido, e, se o sujeito da oração examinada é diferente do sujeito

da precedente, deve acontecer o contrário, ou seja, há maior probabilidade de o pronome ser usado. Nas gravações examinadas, constato que, quando não há MR, ou seja, quando há -MR, o emprego do PP1 diminui, em relação à totalidade dos casos de seu emprego, e, quando há +MR, sua presença aumenta, o que confirma a hipótese levantada. Entretanto, mesmo quando há -MR, o uso do PP1 continua superior à sua omissão. Em 68% desses casos ocorre o uso do PP1 e em 32% ocorre a sua omissão.

O segundo fator examinado é a **conexão/continuidade do discurso**. O grau de conexão existente entre as orações pode condicionar um maior ou menor uso do pronome sujeito, ou seja, em seqüências em que há conexão/continuidade, espera-se que o pronome não seja usado, e, se há quebra da conexão/continuidade, espera-se que sua freqüência de uso seja maior.

São três os trabalhos que tratam desse fator:

1. Li & Thompson (1979): Estudando a alternância entre o sujeito pronominal de 3ª pessoa do singular e a anáfora zero, em narrativas do chinês, os autores mostram que existe uma variação, entre os falantes, em seu julgamento a respeito do uso ou omissão do pronome anafórico, no discurso escrito chinês. Examinando os resultados individuais, eles conseguem captar certas tendências que contribuíram para essa variação e que os levaram à formulação de um princípio básico que governa a ocorrência de pronomes no discurso chinês:

*"The degree of preference for the occurrence of a pronoun in a clause inversely corresponds to the degree of its conjoinability with the preceding clause"* (O grau de preferência para a ocorrência de um pronome numa oração corresponde inversamente ao grau de sua conexão com a oração precedente) (1979: 330).

A conexão é definida com base nas propriedades sintáticas e semânticas das orações examinadas, com base no conhecimento pragmático dos falantes e também no contexto discursivo em que essas orações se inserem. Ainda, segundo os autores, a conexão não é invariável ou absoluta, mas uma questão de grau.

Quando há conexão entre as orações, segundo eles, diminui-se a preferência pelo emprego do pronome. A partir de seus resultados, Li & Thompson determinam restrições à conexão, ou seja, algumas situações em que há o enfraquecimento da conexão e conseqüente aumento de emprego do pronome que seriam:

1. **mudança de plano no discurso**, isto é, quando uma oração apresenta informação sobre um primeiro plano (foreground) e outra oração remete ao segundo plano (background), que traz uma informação complementar. O exemplo (1) ilustra essa mudança. A oração iniciada pelo pronome *eu* quebra a seqüência precedente para introduzir uma informação que vai ser necessária para o comentário iniciado, que é continuado a seguir:

(1) E a barriga dele ele não deixa de mostrar... *eu* falando o negócio do exercício que a que a professora pediu pra fazer exercício (...) que aquilo ali tinha muita massa que podia jogar aquilo lá dentro não sei quê, ele falou assim nó e se fosse a minha então e mostrou aquele barrigão assim... gente, que aflição!

2. **uso de expressões adverbiais** que assinalam o início de uma nova oração, mais do que a conexão entre elas. As expressões adverbiais (advérbios ou locuções adverbiais) são aquelas que equivalem a advérbios, exprimindo tempo, como *aí*, *então*; afirmação, como *pois é*; contraste, como *mas*, etc. Em (2) apresento um exemplo de uso de expressões adverbiais:

(2) É guardar é. Mas eu gostaria de poder usar ela lá porque eu gosto acho que compõe meu quero mas eu acho que uma cortininha de croché ia ficar bonita com... jogando com os móveis né? estilo mais romântico... eu acho que ia ficar bom... sabe?<sup>3</sup>

3. **interferência de um outro falante** e conseqüente mudança de turno no diálogo. Há a quebra da conexão entre duas orações, segundo os autores, quando elas são faladas por pessoas em diferentes turnos, mais do que quando são faladas pela mesma pessoa num mesmo turno, ou seja, a conexão está relacionada com

a troca de turno na conversa: havendo a interferência de outro falante, quebra-se a conexão e sente-se maior necessidade do uso do pronome sujeito. Examinando meus dados, descubro ainda outras restrições à conexão, além dessas três apresentadas pelos autores: a interrupção do próprio falante, quando ele interrompe sua seqüência de pensamento com a introdução de uma oração intercalada cujo sujeito é o pronome *eu*, novamente expresso; a pausa num mesmo enunciado, que parece ocasionar a quebra da conexão entre as orações, causando a presença do PP1. O exemplo (3) mostra o enfraquecimento da conexão ocasionado por uma interrupção do próprio falante.

(3) Eu vou... eu tô pretendendo sair daqui, quer dizer eu... não decido nada dependo do C. né? mas eu tava querendo que a gente saísse daqui sexta à tarde...

Fazendo um levantamento dos casos de quebra de conexão encontrados em minhas gravações, verifico que existe essa relação entre o enfraquecimento da conexão e o emprego do PP1: há um pequeno aumento, em termos percentuais, do uso do pronome nas situações em que a conexão se enfraquece. Em 82% dos casos em que há restrições à conexão do discurso, o PP1 está presente.

2. Givón (1983): Segundo o autor, tópicos mais contínuos no discurso devem realizar-se como zero, isto é, em seqüências em que há continuidade tópica, espera-se que haja a omissão do pronome sujeito. Para avaliar a continuidade tópica, Givón apresenta três medidas discursivas: 1. distância referencial: quanto mais próximo a ocorrência do referente está de sua menção anterior, mais contínuo ele é, devendo, pois, realizar-se como zero. Assim se a menção do referente de sujeito se encontra na primeira oração anterior (distância 1), tem-se distância mínima e continuidade máxima. Porém, se a menção do referente se encontra a distâncias maiores, a continuidade decresce, podendo ser mínima; 2. interferência potencial de outros tópicos, ou ambigüidade: ela se baseia na presença ou ausência de outros referentes que possam interferir na seqüência do referente/

tópico estabelecido anteriormente, confundindo-os. O registro precedente foi arbitrariamente definido, segundo Givón, entre uma a três orações à esquerda. Se o tópico é o mesmo dentro das três últimas orações, essa cadeia de orações é considerada contínua; 3. persistência: essa medida é feita em termos de número de orações à direita. Se o referente/tópico não é o mesmo da oração consequente, ele é assinalado com o menor valor, zero, mas, se ele persiste, pode ter média ou máxima continuidade.

Para avaliar a continuidade tópica em minhas gravações, fiz a contagem das orações dentro de cada enunciado, exceto quando, apesar de uma interrupção de outro interlocutor, o enunciado era continuação do precedente. Analisando essas três medidas, constato que, em minhas gravações, quando há máxima continuidade tópica, ou seja, quando há distância referencial 1, um só tópico predominante e tópico persistente, aumentam os casos de omissão do PP1. Entretanto, ainda assim, os números de seu emprego são majoritários, representam pelo menos 70% das ocorrências de primeira pessoa do singular.

3. Silva (1988): A partir da idéia lançada por Li & Thompson de que a conexão do discurso pode condicionar a presença ou ausência do pronome sujeito, a autora estabelece uma escala de conexão de seis graus, em que acompanha o percurso do referente-sujeito da frase. Essa escala considera aspectos do contexto discursivo compreendido entre a ocorrência de um referente como sujeito e sua menção anterior, tais como: mudanças de plano do discurso, interferências de outros falantes, uso de expressões adverbiais, enfim, aspectos capazes de afetar a conexão do discurso. Com essa escala, segundo a autora, pode-se acompanhar o percurso dos sujeitos pronominais, responsáveis pela conexão do discurso, que pode ser ótima<sup>4</sup> ou não, dependendo da existência de alguma ruptura.

O grau 1, considerado o mais alto dessa escala, consiste em seqüências nas quais se mantêm o mesmo referente de sujeito e o mesmo tempo e modo verbais, não havendo, dessa forma, mudança de tópico, nem frasal, nem discursivo nessas seqüências.

(4) *Mas (...) ontem eu eu dei eu esqueci de falar ontem hoje acordei ele tava dormindo na hora que eu saí.*

O grau 2 consiste em seqüências em que se mantém o mesmo tópico/sujeito, mas em que vai haver mudanças no tempo e modo do verbo.

(5) *J., eu não lembro como que eu fazia essa gemada, eu sei que eu fazia...*

No grau 3 a conexão é um pouco enfraquecida já que o referente de sujeito não é o mesmo da oração anterior e, entre o sujeito e sua menção prévia, há orações, embora de curta extensão, não chegando, assim, a representar um corte na seqüência do discurso.

(6) *Por isso que eu tô falando: gente é typewriter (risos) não tô entendendo machine à écrire.*

No grau 4, o referente de sujeito passa de um papel secundário, exercido em sua última menção, a um papel central em termos discursivos, ou seja, o referente ocorre anteriormente em outra função sintática, como pronome oblíquo ou possessivo, e passa a sujeito da oração.

(7) *Aí o problema é meu. Mas eu gosto de ver a frequência justamente porque...*

O grau 5 consiste em seqüências em que a conexão do discurso é mais afetada, pois surge, entre o sujeito em questão e sua menção anterior, um outro participante na função de sujeito, que pode ser o outro falante, uma terceira pessoa ou ainda outros indivíduos que se agrupem ao falante. A volta do sujeito de P1, nesse caso, é tida como uma retomada, segundo a autora.

(8) *Então eu vou fazer isso então ... amanhã, agora a MC. não vai ter paciência pra fazer isso, vou falar pra ela fazer um suco de maçã...*



(9) *Então vou pensar, se se o papai disser que não tem condição de vir ninguém de C. eu vou falar pra ele vir.*

O grau 6 é o que possui conexão mais fraca na primeira pessoa. Nesse grau ocorre mudança de tópico discursivo, ou seja, mudança do assunto tratado.

(10) *Porque mesmo que a E. fosse, não o Z., mesmo que a E. fosse dava pra ir porque na casinha não vai ficar ninguém né? aí eu mesma poderia ficar na casinha ou ocês tanto faz ... mas já mas já que ela não vai, aí fica com mais lugar né? Eu chamei S. ela não deu resposta.*

Com essa escala, acompanho o percurso dos PP1, em minhas gravações, e verifico que o seu emprego aumenta à medida que a conexão se torna mais fraca, mostrando que, quanto menos coeso é o discurso, maior é a necessidade do uso do pronome. Em seqüências em que há conexão/continuidade, o emprego do PP1 diminui, em termos percentuais, e em seqüências em que há quebra da conexão/continuidade, seu emprego aumenta. Mas, mesmo no mais alto grau dessa escala, no grau 1, em que a omissão do sujeito, segundo a autora, é quase obrigatória, o PP1 é usado em 69% das ocorrências de primeira pessoa do singular.

O terceiro fator examinado é o **Tipo de Oração**. Foram estudados os diversos tipos de oração<sup>5</sup> encontrados nas gravações e sua possível influência no uso ou omissão do pronome pessoal sujeito. As conclusões a que chego, após a análise de meus dados, são: 1. as orações principais e as coordenadas I, iniciais, contribuem para um aumento do emprego do PP1; 2. as orações subordinadas e, principalmente, as intercaladas favorecem a presença do pronome; 3. as orações absolutas praticamente não influenciam o uso ou omissão do PP1; 4. as orações coordenadas II, não-iniciais, são as que contribuem para um aumento dos casos de omissão do pronome, já que há entre elas e as orações que as antecedem alto grau de conexão. Mas, mesmo havendo um alto grau de conexão entre as orações coordenadas II e sua precedente, a presença do

PP1 foi superior à sua ausência, em 66% o PP1 está presente e em 34% ocorre a sua omissão. O fator *Tipo de Oração*, ao que parece, pode influir na expressão ou não do PP1, mas não é suficiente para explicar o seu grande emprego no discurso espontâneo.

Examino ainda o fator ***Posição das Orações***. Silva (1988) levanta a hipótese de que “as orações iniciadoras de um período tenderiam a apresentar seu sujeito explícito, enquanto que as orações não-iniciais já poderiam omiti-lo mais facilmente”. Analisando dados extraídos de minhas entrevistas, constato que essa hipótese se confirma: em orações iniciais há um aumento do emprego do PP1, e, nas não-iniciais, um aumento de sua omissão. Entretanto, ao considerar apenas os números de emprego do PP1 em orações iniciais e em orações não-iniciais, verifico que, nas duas situações, o uso do PP1 é praticamente o mesmo, 50,3% em orações iniciais e 49,7% nas não-iniciais.

O quinto fator examinado é a ***Ambigüidade***. Também Silva (1988) analisa esse fator e o considera altamente condicionador da variação do sujeito pronominal. Mas há a necessidade de se distinguirem dois pontos de vista a partir dos quais se pode considerar a ambigüidade: o morfológico, que se refere à forma verbal ambígua, e o contextual, que se refere a contextos ambíguos. Em (11) apresento um exemplo em que se empregou uma forma verbal não-marcada num contexto ambíguo, onde há mais de um possível candidato a sujeito da oração: *ele* ou *eu*:

(11) *L., puxar o seu carro um poquinho... que ele não tá conseguindo entrar com o carro dele. Quer que eu puxe procê? Deixa eu puxar lá procê?*

Analisando meus dados, verifico que, com formas verbais ambíguas, o PP1 é majoritariamente usado, mesmo que o contexto não seja ambíguo; e, com formas verbais ambíguas e contextos também ambíguos, há 100% de uso do PP1, ou seja, o pronome se faz obrigatório.

Finalmente é examinado o fator **Ênfase**. Embora as gramáticas tradicionais apontem esse fator como possível condicionador do emprego do pronome pessoal sujeito, elas não o definem. O conceito de ênfase é vago e impreciso. Para evitar essa imprecisão quanto ao que venha a ser ênfase, Silva propõe que se adote o termo **Contrastividade** para “traduzir com maior rigor e objetividade o conceito desejado”, e sugere alguns critérios para identificação da contrastividade, que são: a presença de conectivos contrastivos, que introduzem “uma mudança inesperada no curso dos acontecimentos ou o surgimento de um estado indesejável”; a oposição de constituintes da oração, que indica quebra na expectativa ou mudança inesperada; o reforço, isto é, a adjunção de palavras ou expressões que, de alguma forma, valorizam o sujeito da oração.

Com a utilização desses critérios, pude determinar com maior objetividade os casos em que os sujeitos expressos pelo PP1 são contrastivos, e verificar que eles constituem apenas 11% dos casos de emprego do PP1, em minhas gravações. Dessa forma, considero que essa variável não pode ser usada para explicar a presença majoritária do PP1 no discurso oral espontâneo.

### 3. CONCLUSÃO

Depois de analisar todos esses fatores, vejo que alguns deles parecem influir, em maior ou menor grau, no emprego do PP1 no discurso oral espontâneo.

Levando em consideração a porcentagem de emprego do PP1 (e não sua frequência), o fator **Ambigüidade** parece ser o que melhor poderia explicar sua presença, uma vez que, com formas verbais ambíguas, o número de seu emprego é muito alto, 96%, e, nas situações em que o contexto também é ambíguo, há 100% de uso do pronome.

Examinando novamente meus dados, verifico que, em língua oral, a distinção entre as formas marcadas e não marcadas é menos

nítida do que na língua escrita. As formas *tenho/tem*, *deixo/deixa*, tão bem diferenciadas na escrita, são, em muitas situações, idênticas na língua oral, como mostro nos exemplos:

(12) ... eu deixo o balão pra ver o que vai colocar.

/ew'dešuba'lãw/

ele deixa o balão...

/eli'dešuba'lãw/

(13) Eu nem sei se eu tenho uma aqui...

/syew'têyuma'ki/

se ele tem uma aqui...

/syeli'têyuma'ki/

Esses exemplos mostram que a vogal átona final das formas verbais, que vai informar a pessoa do verbo, não é pronunciada. Embora na escrita essas formas sejam marcadas, sejam diferentes na primeira e na terceira pessoas do singular, na língua oral espontânea elas não apresentam distinção, sendo, então, comuns a essas duas pessoas. Dessa maneira, o PP1 parece ser usado para evitar a ambigüidade.

Pontes (1987) chama a atenção para o fato de que “a perda da flexão pessoal para a maioria das formas temporais do verbo tornou necessário o uso cada vez mais freqüente do pronome”. Ao observar o sistema verbal do português, vemos que somente em três tempos do verbo os sufixos flexionais de P1 se mantêm: no presente, pretérito perfeito e futuro do presente do indicativo. Este último é considerado por Pontes (1972:93) como forma marginal, uma vez que ocorre “esporadicamente na língua coloquial, paralelamente a outras formas mais freqüentes”. Em minhas gravações, ele não é encontrado, em seu lugar é empregada a locução formada pelo verbo *ir*, no presente do indicativo, mais o verbo principal, no infinitivo. Dessa forma, verifico que, em língua oral, os sufixos flexionais de P1 se mantêm apenas no presente e no pretérito perfeito do indicativo e que, em algumas situações, como nos exemplos mencionados, eles não são pronunciados, o que faz com que a distinção da pessoa verbal não seja nítida.

## NOTAS

<sup>1</sup> Este trabalho é um resumo de minha dissertação de mestrado (v. referências bibliográficas), defendida na FALE-UFMG, em 1990, sob a orientação da Profa. Eunice Pontes.

<sup>2</sup> Os dados foram obtidos em gravações de conversas espontâneas de falantes do português do Brasil, na faixa etária de 28 a 40 anos, todos de nível de escolaridade superior e residentes em Belo Horizonte.

<sup>3</sup> O **mas**, empregado nesse exemplo, assinala, a meu ver, mais o início de uma nova oração do que a conexão entre as orações deste discurso.

<sup>4</sup> Denominação utilizada pela autora.

<sup>5</sup> Utilizo a classificação tradicional na divisão das orações em: oração absoluta, que constitui a única do período; oração principal, que vem acompanhada por outra ou outras a ela subordinadas; oração subordinada; oração coordenada e oração intercalada, que figura, no período, sem relação sintática com o resto (v. justificativa em Marinho (1990: 57)). As orações coordenadas foram subclasificadas em dois tipos: coordenada I, que ocorre em posição inicial, e coordenada II, que vem depois da coordenada I, quer iniciada por conjunção coordenativa, quer não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GIVÓN, Talmy. *Topic Continuity in Discourse: quantitative cross-language studies*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1983.
2. KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGLI, Oswald & SILVA-CORVALÁN, Carmem (eds). *Studies in Romance Linguistics*, Dordrecht, Fori Publications, 1986.
3. LI, Charles & THOMPSON, Sandra. Third-person pronouns and zero-anaphora in Chinese discourse. In: GIVÓN, Talmy (ed.) *Syntax and semantics*. v.12, Discourse and Syntax. New York, Academic Press, 1979.
4. MARINHO, Janice Helena S.R. C. *Situação atual do pronome sujeito no discurso coloquial espontâneo*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1990.
5. PONTES, Eunice. *Pronomes pessoais no português coloquial*. ms, 1987.
6. \_\_\_\_\_. *A estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
7. SILVA, Vera L. Paredes Pereira. *Cartas Cariocas: A Variação do Sujeito na Escrita Informal*. Tese de Doutorado em Linguística, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.
8. TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Dissertation. University of Pennsylvania, 1983.